



Epifania coletiva: perspectiva alemã do entreguerras

Palavras-chave: Nazismo; Entreguerras; Cinema. Autora:

Gabriely Sotero · g172950@dac.unicamp.br Orientador: Eduardo

Mariutti · mariutti@unicamp.br Núcleo de História Econômica ·

Instituto de Economia

INTRODUÇÃO

O Tratado de Versailles confisca o potencial econômico, industrial e comercial quase em sua totalidade, além de impor o pagamento de pesadas reparações de guerra. A Alemanha perde sua soberania e se torna economicamente dependente. É assumido que o armistício é decorrência de crises internas na Alemanha, tendo em vista o exército mais preparado e eficiente em combate, e posteriormente serve como uma das justificativas da narrativa que sustenta o nazismo. No campo interno, a radicalização política perdura durante toda a existência da República de Weimar, tempo suficiente para dar luz à concepção do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.

Na prerrogativa de seu entendimento, Hitler tem clara noção de que propaganda é uma arte quando se trata de política, e partindo da compreensão psicológica da massa, é o atalho mais eficiente para conquistar adeptos, mas mais do que isso, vender a ideologia de maneira que pareça que ela sempre esteve adormecida no espírito alemão. Reunir eleitorado era essencial porque é material humano, e isso exige a imposição de disciplina para manobrar essa massa de apoiadores, numa onda de crença e esperança calcada em discurso nacionalista, o que torna a violência algo banal, como parte do processo de conquista do espaço vital, trilhando a ascensão do movimento fascista na Alemanha.

O começo do século XX é marcado pela instrumentalização dos meios de comunicação por regimes totalitaristas, portanto, passa a fazer parte da política de controle e modelação da opinião pública. Consolidado no poder, o partido nazista fundamenta sua legitimidade sob pilares de atuação, e um deles é fazer do cinema veículo de propaganda ideológica, para estimular o espírito nacionalista, mas principalmente para manter seus princípios vividos sobre a coletividade, mesmo quando a derrota parecia cada vez mais certa. A rápida recuperação econômica manteve os ânimos da nação, tido por muitos autores como álibi para a manutenção do partido nazista no poder, a despeito do genocídio e campanha partidária pautada em terror psicológico, e nesse sentido, o conjunto de fatores discutidos no presente trabalho objetiva discutir a inevitabilidade de Hitler.

DISCUSSÃO E ANÁLISE FÍLMICA

No pós Primeira Guerra, a Alemanha se reconstrói, sob as exigências do Tratado de Versailles, como República democrática, num cenário de caos político e social, guerra civil, fome, desemprego e inflação. Da guerra, se herda a narrativa dos Criminosos de Novembro, supostos responsáveis por vender a guerra para a Entente, a despeito do maior preparo do

corpo de guerra da Tríplice Aliança, “[o] impacto emocional foi ainda mais severo porque os líderes alemães cantavam vitória até semanas antes.” (PAXTON, 2007, p. 54-5). Com a crise interna, o ciclo em espiral decrescente é fruto da constante desvalorização do valor real do marco, que reflete elevação progressiva nos preços, obrigando um reajuste salarial diário. Esses são os primeiros sintomas da hiperinflação.

Sendo a arte um instrumento que permite revisitar a época em que é produzida, configura uma rica fonte de informações, sendo testemunha de seu tempo. Ferreira (2011) aponta que a arte expressionista que marca o pós-guerra captura na atmosfera niilista a premonição da ascensão da tirania, e tem no cinema seu principal expoente, dentre os quais se destacam *O Gabinete do Dr. Caligari* (Robert Wiene, 1920), *Dr. Mabuse* (Fritz Lang, 1922) e *O Testamento do Dr. Mabuse* (F. Lang, 1933). Kracauer (1987) acrescenta que o enredo cinematográfico se associa diretamente com o ‘padrão psicológico’ de uma nação. Se destaca, portanto, o papel político da cultura, e nesses termos, a propaganda política é veiculada nos cinemas porque além de atingir um considerável volume de espectadores de uma vez, o lazer do cinema se mantém mesmo nos períodos mais críticos da crise de ordem política, social e econômica que acompanha a Alemanha em todo entreguerras, operando como mecanismo de ajuste psicológico sobre as massas. O entretenimento de massas, em paralelo à consolidação do Estado Nacional Moderno, acompanha as transformações de ordem sistêmica operadas pela complexificação do capitalismo, na transição para a etapa monopolista. A indústria da distração se torna, então, válvula de escape para os cidadãos.

Muitos autores convergem sobre o evento que inaugura a Era da Inflação como sendo o esforço de guerra. A economia de guerra apostou todos os seus esforços na vitória e perdeu, os embargos comerciais, estrangulamentos econômicos e pesadas reparações completam o quadro sobre o qual a hiperinflação germina e toma forma. A crise social destaca a desigualdade e os movimentos sociais dão a noção de classe, evidenciando que certas camadas sociais não são afetadas – os financistas tiram proveito da situação com investimentos atrelados à inflação, o que certamente não passou despercebido pela opinião pública. A maioria dos financistas eram judeus. Isso sustenta a narrativa de ‘punhalada pelas costas’ fortemente explorada pelo partido nazista posteriormente. O Plano Dawes, financiado pelos EUA, tem orientação deflacionista, porém, seus termos austeros apenas colhem a estabilização monetária, na prática endossa os extremos tensos de ordem social, econômico e político. A ala direita da sociedade reage ao Plano como ‘segundo Versailles’, parcela esta que vem a se tornar a base de apoio que firma a legitimidade da campanha nazista. A crise de 1929 lança o país novamente no desamparo, e esse abalo é aproveitado pelo movimento nazista, que elege significativa mesa no parlamento. “Como a maioria dos grandes revolucionários, só podia ser bem sucedido nos períodos difíceis, a princípio quando as massas estivessem desempregadas, famintas e desesperadas e, posteriormente, quando fossem intoxicadas pela guerra.” (SHIRER, 1975, p. 209). O filme *A viagem da mamãe Krause para a felicidade* (Phil Jutzi, 1929) compreende o desespero de uma família para sobreviver em meio aos efeitos da Grande Depressão, e recebe destaque em seu enredo, que representa uma das práticas mais recorrentes, tanto no entreguerras, quanto nos filmes compreendidos nesse período: o suicídio.

A ascensão de movimentos fascistas vem, para muitos autores, como reação ao desmoronamento da sociedade mercantil e eminente incerteza e falta de esperança sobre o futuro. Para entender o contexto, é preciso definir o que é fascismo. Segundo Hobsbawm, na mobilização de massas apoiada num teatro político, “o fascismo compartilhava nacionalismo, anticomunismo, antiliberalismo etc., com outros elementos não fascistas da direita.” (HOBSBAWM, 1995, p. 7). Silva (2000) acrescenta que as características comuns observadas nos movimentos fascistas ‘originais’ identifica o fenômeno como forma de

dominação específica baseada numa religião de Estado (Elias, 1997 in Silva, 2000). Sendo um fenômeno circunstancial, não se pode construir uma definição universal, mas são observadas características em comum que podem ser generalizadas, ainda segundo Silva, (2000), como o movimento de massas de caráter totalitarista, cujo líder é carismático e centraliza a ideologia que sustenta sua posição. O movimento nazista é calcado na máxima de renascimento nacional, e para tanto, a cooptação política está centrada na política e propaganda lideradas pelo cabo austríaco. Suas notáveis habilidades de retórica e oratória constroem os degraus que o conduzem até o cargo de chanceler.

De acordo com Paxton (2007), a propaganda nazista exorta a uma revolução na alma, e justamente por possuir elementos revolucionários, em sua especificidade totalitarista, o historiador cunha o fascismo alemão como uma contrarrevolução. O apoio da elite vem quando a influência do partido nazista não podia mais ser ignorada. A priori, a estratégia seria apoiar a campanha e, assim que eleito, controlar o líder político como uma marionete na defesa dos interesses dessa classe. Entretanto, a ideologia operada pela 'revolução na alma' transcende o sentido econômico do regime – a economia passa a servir ao Estado. O discurso que conquista base eleitoral se baseia em renovação nacional, eliminando os traidores da pátria e indivíduos considerados impuros pela falácia da raça superior. O esforço de guerra deveria ser rápido e preciso na conquista do espaço vital, e aqui o cinema atua como principal responsável por levar a ideologia nazista ao público urbano. Ao público rural, se reservam as marchas e desfiles com alegorias para reforçar o caráter do partido. Hitler promete ao público exatamente o que eles querem ouvir.

Os espectros sociais desse contexto também são projetados nas salas de cinema. *Metropolis* (F. Lang, 1927), famoso representante do expressionismo, aborda a decadência da sociedade moderna nas relações trabalhistas e mecanização do trabalho, em tom conciliatório. Houve demarcado reacionarismo em relação à consolidação da sociedade moderna, na medida em que opera transformações institucionais enquanto o modo de reprodução da vida progressivamente se complexifica. A luta de classes passa a ser tema recorrente, e em *Kuhle Wamp* (S. Dudow, 1932), o roteirista Bertolt Brecht exalta a união das camadas de base, escancarando os efeitos adversos provocados pelas contradições inerentes do capitalismo. *Morgenrot* (Gustav Ucicky, 1933), por sua vez, é uma ode ao sacrifício pela nação, ainda que não tenha cunho partidário explicitamente, resgatando os valores patriotas e exaltando a nobreza em colocar a nação em primeiro lugar. Esse aspecto é densamente explorado nos filmes de propaganda política do regime nazista.

Conforme os efeitos da Grande Depressão vão se intensificando, atinge proporcionalmente a vida pública, a crise interna e desgaste político se arrastam desde a implementação da república. O início do fim se aproxima conforme Hitler usa de sua influência entre contatos políticos para negociar sua nomeação a chanceler, e assim é consagrado em 30 de janeiro de 1933. A comoção popular e epifania que abraça a ideologia fascista é registrada (ou construída) nos filmes propagandísticos *Triunfo da Vontade* (Leni Riefensthal, 1934) e *Vitoria no Ocidente* (*Sieg im Westen*, de S. Noldan, F. Brunsch, W. Kortwich, E. Smith, 1941). Dois meses depois de empossado, Hitler articula um empasse no parlamento para convocar novas eleições, e assim legitimar democraticamente o Führerprinzip. No debate sobre a rápida ascensão do partido nazista, muitos autores consideram a peculiaridade de ser o único partido de direita que clamava pela nação e interesses intrínsecos, dentro da ideologia, e nesse ponto a compreensão do conceito de nação tem protagonismo. Paxton (2007) argumenta que a queda da democracia não é causada pela ascensão fascista, o desgaste era sistêmico, dado que o modelo nunca foi plenamente aceito pelos alemães. O fascismo foi o último prego no caixão da República de Weimar.

A aliança com o setor privado é baseada na vantagem mútua, na medida em que o Estado ditatorial precisava de todo esforço de produção coordenado para a economia de

guerra, e os industriais projetavam na recuperação econômica a restauração de um ambiente de produção e investimentos menos incerto e com melhores oportunidades. Deveras, nos cinco primeiros anos do regime, o crescimento anual gira em torno de 26% (Buchheim e Scherner, 2006). Feijó (2009) destaca as medidas de caráter keynesiano focadas em duas frentes, combate ao desemprego e estímulo ao consumo.

Quando a derrota na Segunda Guerra já era tida como certa, o ministério da propaganda investe na produção Kolberg (Veit Harlan, 1945), cuja mensagem de perseverança busca resgatar o espírito nacionalista e a história nacional, ainda que fictícia, mas projeta manter os ânimos para evitar um colapso social diante da eminência do fim.

CONCLUSÕES

Mazzucchelli (2009) argumenta que o nazismo é resultado de uma constelação de fatores, gestado na derrota da Grande Guerra e germinado nos termos de paz do Tratado de Versailles. O resultado não poderia ser diferente, ainda que imprevisível. Nicholls (2000) considera que a sociedade alemã é seduzida pelo discurso nacionalista, onde a epifania constrói a imagem divinizada do ditador. A utopia dos mil anos é um refúgio ao cenário caótico, e a possibilidade de torná-lo real conquista considerável eleitorado. O que Gay (1978) denomina por 'ânsia pela totalidade' constitui o movimento de construção da identidade nacional, cuja centralidade acaba sendo conduzida pelo movimento fascista. A análise fílmica reúne registros que testemunham o período, permitindo revisitar e compreender como e em que medida o ambiente instável prepara terreno para a insurgência do fascismo. Finalmente, tendo em vista a discussão e as ponderações apresentadas, a alçada de Hitler ao poder, por ser circunstancial, fora, portanto, inevitável.

Referências

- A viagem de mamãe Krause para a felicidade. [Mutter Krausens Fahrt ins Glück]. Direção de Phil Jutzi. Alemanha: Prometheus Film, 1929. Reprodução online (80 min.): mudo, legendado, p&b. Acesso em: 16 out. 2019.
- ALVORECER [Morgenrot]. Direção de Gustav Ucicky. Alemanha: UFA, 1933. Reprodução online (75 min.): son., legendado en-US, p&b. Acesso em: 18 nov. 2019.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: . Magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 165-196.
- BUCHHEIM, C., SCHERNER, J. The Role of Private Property in the Nazi Economy: The Case of Industry. The Journal of Economic History, vol. 66, n. 2, p. 390-416, jun./2006.
- DR. Mabuse [Dr. Mabuse, der Spieler]. Direção de Fritz Lang. Alemanha: UFA, 1922.
- Reprodução online (4h57min.): mudo, legendado de., p&b. Acesso em: 5 out. 2019.
- FERREIRA, Raphael B. O prognóstico de um mal: Nazismo e opressão no cinema e na literatura alemã. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LITERATURA, CRÍTICA, CULTURA V: LITERATURA E POLÍTICA, 2011, Juiz de Fora. Anais... Juiz de Fora. ISSN: 1983- 8379.
- GAY, Peter. A Cultura de Weimar. São Paulo: Paz e Terra, 1978. 213 p.
- HOBSBAWM, E. J. (1995). A queda do liberalismo In: . A Era dos Extremos. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- KOLBERG. Direção de Veit Harlan. Alemanha: UFA, 1945. Reprodução online (110 min.): son., legendado fr., color. Acesso em: 23 nov. 2019.
- KRACAUER, S., LEVIN, T. Y. Cult of distraction: on Berlin's picture palaces. New German Critique, Special Issue on Weimar Film Theory, n. 40, 1987, pp. 91-96

KUHLE Wampe: ou A Quem Pertence o Mundo? [Kuhle Wampe oder: Wem gehört die Welt?]. Direção de Ernst Ottwalt e Slatan Dudow, roteiro de Bertolt Brecht. Alemanha: Prometheus Film, 1932. Reprodução online (80 min.): son., legendado pt., p&b. Acesso em: 19 out. 2019.

MAZZUCHELLI, Frederico. Os anos de chumbo: economia e política internacional no entreguerras. Campinas: UNESP-FACAMP, 2009. 429 p.

METROPOLIS. Direção de Fritz Lang. Alemanha: UFA, 1927. Reprodução online (153 min.): mudo, legendado ing., p&b. Acesso em: 22 out. 2019.

NICHOLLS, A. J. Weimar and the Rise of Hitler. 4ª ed. New York: ST. Martin's Press, 2000, 229 p.

O gabinete do Dr. Caligari [Das Cabinet des Dr. Caligari]. Direção de Robert Wiene. Polónia: UFA, 1920. Reprodução online (80 min.): mudo, legendado de., p&b. Acesso em: 2 out. 2019.

O testamento do Dr. Mabuse [Das Testament des Dr. Mabuse]. Direção de Fritz Lang. Budapeste: Nero-Film, 1933. Reprodução online (124 min.): mudo, legendado ing., p&b. Acesso em: 13 out. 2019.

OLIVEIRA, A. M. Cinema e Nazismo: apontamentos sobre uma parceira nefasta, artigo de p. 7. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-adriano-cinema-nazismo.pdf>>. Acesso em 2020.

PAXTON, R. O. A anatomia do fascismo. São Paulo: Paz e Terra, 2007, 420 p.

SHIRER, Willam L. Ascensão e queda do Terceiro Reich. 6ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1975.

SILVA, F. C. T. da, Os fascismos. In: FILHO, D. R.; FERREIRA, J.; ZENHA, C. (Orgs),

O Século XX: O tempo das crises. vol. 2: Revoluções, Fascismo e Guerras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 109-164.

TRIUNFO da vontade [Triumph des Willens]. Direção de Leni Riefenstahl. Alemanha: Reichsparteitagfilm, 1935. Reprodução online (114 min.): son., legendado pt, p&b. Acesso em: 23 nov. 2019.

VITÓRIA no Ocidente [Sieg im Westen]. Direção de Svend Noldan, Fritz Brunsch, Werner Kortwich, Edmund Smith. Alemanha: UFA, 1941. Reprodução online (114 min.): son., p&b. Acesso em: 8 nov. 2019.